

# Quatro Águas

Maria do Pilar Figueiredo

## **FICHA TÉCNICA**

**EDIÇÃO:** Vírgula (Chancela Sítio do Livro)

**TÍTULO:** Quatro Águas

**AUTOR:** Maria do Pilar Figueiredo

**CAPA:** Paulo Silva Resende

**PAGINAÇÃO:** Paulo Silva Resende

**1.ª EDIÇÃO**

**LISBOA, 2010**

**IMPRESSÃO E ACABAMENTO:** Agapex

**ISBN:** 978-972-96828-3-4

**DEPÓSITO LEGAL:** 310172/10

© **MARIA DO PILAR FIGUEIREDO**

**PUBLICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO**

Sítio do Livro, Lda.

Lg. Machado de Assis, lote 2 — 1700-116 Lisboa

[www.sitiodolivro.pt](http://www.sitiodolivro.pt)

## Prefácio

Com a publicação deste volume completa-se a trilogia submetida ao tema “A Casa”, a qual tinha sido iniciada com o romance *Tempo Matinal*, romance este escrito há mais de vinte anos, num tempo em que as transformações de carácter sócio-económico eram de dia para dia mais acentuadas.

Seguiu-se-lhe passados alguns anos, *Pedra Angular*. E, finalmente, *Quatro Águas*.

Embora o cenário destas três narrativas seja praticamente o mesmo e o nome de algumas das personagens o seja também, algo os distingue de livro para livro, bem como a voz do narrador, porque o tempo se encarregou das inerentes mudanças. Daí poder afirmar-se que cada um destes romances tem vida própria e vive por si só.

Quando comecei a escrever *Tempo Matinal* havia já decorrido algum tempo depois da Revolução de Abril. Ciente das diferenças que entre esse tempo e o tempo da narrativa se acentuava cada vez mais, fui, por assim dizer, impelida a mergulhar no passado então recente ainda, ou seja, o correspondente ao segundo cartel do século XX: tempo das grandes guerras e, conseqüentemente, tempo de restrições, de medos e contenções. De penúria e fome,

para grande parte da população.

*Tempo Matinal* situa-se portanto nessa época de limitações várias, um tempo em que os adultos, como animais acuados, procuravam uma saída, e nem sequer o recurso à emigração lhes era possível porque não tinham para onde fugir, uma vez que quase toda a Europa estava em guerra e os mares, semeados de armadilhas, eram um perigo.

Situação sombria que, no entanto, ganha alguma cor na voz de uma criança que, a seu modo, se vai apercebendo desse tempo de agruras, porque nessa fase da vida, pouco é preciso para que o tempo sombrio se transforme num tempo primaveril e o cenário se apresente pintado em tons róseos.

Em *Pedra Angular*, escrito largos anos depois, procurou-se dar testemunho da época que se lhe sucede, e que abrange um novo período de tempo: tempo da adolescência a estender-se até ao limiar da juventude, numa época em que ter dezoito anos correspondia ainda, à menoridade. É espaço de tempo que embora continue a ser um tempo de restrições, é também como não podia deixar de ser, o tempo dos primeiros amores, do sonho, das pequenas astúcias, das primeiras batalhas, dos primeiras vitórias e também das primeiras desilusões.

Foi, portanto, com um largo intervalo de anos, que dei forma a estes dois livros convencida de que, quer um quer outro, além de constituírem uma representação toleravelmente fiel do mundo em que cresci, eram ao mesmo tempo um quase retrato da sociedade rural, ou mais exactamente de uma fatia da sociedade rural que abrangia a pequena burguesia rural..

A este tempo de privações, seguiu-se, como é sabido, um tempo de mudança em que tiveram lugar de relevo as transformações de carácter sócio-económico as quais, em relação ao número de habitantes, foram mais visíveis no mundo rural do que nas cidades grandes.

Quatro Águas

Em *Quatro Águas*, o lugar da narrativa ainda é o mesmo. O tempo, o de agora. Mas as personagens pouco mais são que sombras. Imagens esbatidas na memória do narrador. Fantasmas que se passeiam pela Casa. Poeira dos tempos. Cinzas.

Resta-me desejar aos hipotéticos leitores meus contemporâneos, que esta trilogia tenha o encanto de evocar alguns aspectos da pretérita mocidade.

Quanto aos outros, os que só agora são jovens, oxalá esta trilogia lhes possa oferecer algo mais do que o atractivo de uma talvez enredada, talvez insólita, talvez divertida crónica de outros tempos.

Maria do Pilar Figueiredo

## Quatro Águas

O telhado é velho, de muitas gerações. Telhado de quatro águas sobre as paredes da casa silenciosa, outrora guardiã de múltiplas vozes, passos leves ou arrastados, lume de pinho bravo. A Casa vazia nos últimos tempos de gestos afadigados, de sons, de respiração humana, está carente da luz solar que as grossas portadas de madeira, bem cerradas, não autorizavam a entrar.

Vinda de outras gerações, é duplamente centenária dado que a sua construção, segundo está escrito na padieira do largo portal, data de 1752, bem como em velhos documentos, desde sempre guardados, que revelam ter a casa ficado pronta nesse ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, desconhecendo-se a data do início das obras.

Mas se não se conhece com exactidão esta data, pode imaginar-se como começou a construção que, de uma forma artesanal, deu vida à casa: Escolhido o sítio e traçado o risco por quem era sabedor do ofício, foi a vez dos cabouqueiros que armados de picaretas, pás e cavadeiras, prepararam o útero da terra para que a vida da casa começasse a pulsar lá dentro, sob a vigilância do dono desse chão. E após os cabouqueiros, vieram os pedreiros que, perante as pedras maiores, ensaiaram gestos precisos e entoaram um cântico misterioso vindo das funduras do tempo, esse que faz mover os grandes

pedregulhos e os torna leves, docemente obedientes.

E assim, pedra a pedra, se foram construindo os alicerces a partir das valas fundas, e logo as paredes aprumadas começaram a crescer braça após braça, no aconchego do barro, a caminho do telhado que seria de quatro águas. Depois os castanheiros, previamente abatidos, foram cortados em longas traves que vieram poisar a nível do segundo piso, nas paredes robustas. Foi, portanto, de uma forma determinada que a casa continuou a crescer, até os caibros encaixados na trave mestra, formarem a espinha dorsal do telhado, mais tarde forrado por leves tábuas de pinho para que o vento não se infiltrasse.

E mal o travejamento do telhado garantiu a necessária protecção, vieram as tábuas do soalho, tábuas largas e espessas, para darem segurança aos muitos passos que haveriam de vir depois, e também para protegerem as lojas cuja função seria a de guardar a riqueza que, em cada ano, a terra produzia, sobretudo em cereais e vinho. Depois, carpinteiradas que foram grossas portas e janelas de guilhotina, colocada a pedra do lar, completou-se a Casa. Essa onde nasceram e viveram, durante mais de duzentos e cinquenta anos, gerações de Ferreiras e Rochas, alguns dos quais se fizeram respeitar como negociantes de diversas mercadorias, sobretudo vinhos, madeira e gado.

Dos que ali nasceram, ficou memória, sobretudo, de um cirurgião e um doutor de leis, dois mestres das Primeiras Letras bem como de dois padres. Dos restantes, alguns emigraram respondendo a qualquer apelo longínquo. Emigração a troco de um posto ou pequeno negócio em terras tropicais. Emigrantes de quem ninguém mais ouviu falar, perdidos para sempre, no meio das multidões, dos rios e das florestas. E sobretudo, das compactas florestas de cimento.

Outros porém, ficaram ali na quinta, porque outra coisa não poderiam ser senão lavradores. Ficaram por vocação, cumprindo com o dever moral de cuidar da casa e, sobretudo, do grangeio dos campos, lavrando, plantando, colhendo.



Cuidada com desvelo, assim permaneceu esta, abrigo de várias gerações, uma vasta construção rectangular, sem grandes ornatos, robusta, pronta a enfrentar séculos. Quase três. Das quatro paredes, a frontaria norte tornou-se musguenta e sombria. Pelo contrário a do sul, aquecida pelo sol, lavada pelas chuvas e varrida pelos ventos, sempre se manteve acolhedora e alegre, e assim se foi conservando nas suas linhas gerais, em harmonia com o espaço envolvente, correspondendo assim ao modo de viver das pessoas que, sucessivamente, nela se abrigaram.

Entre estas, Maria Inês e seus irmãos, cumprindo-se assim, o desejo desse seu antepassado, de erguer uma casa que durasse muitas vidas. Aliás, era este o desejo de qualquer homem dali. Mas se era da competência dos homens erguer casas, estas quando acabadas de construir eram entregues nas mãos das mulheres. A elas se poderia dizer que pertenciam todas as casas da freguesia.

História diferente é a do actual edifício da escola cujas janelas de alumínio estão abertas a este sol de Outono que, em cada ano, coincide com o início das aulas.

É um edifício amplo, que veio substituir esse outro, onde Maria Inês leccionou durante anos e anos. De dimensões reduzidas, foi construído por volta de mil novecentos e quarenta, num sítio então despovoado, e que agora, aproveitado para outros fins, quase desaparece entre o casario que se multiplica por todos os lados.

Tal como no tempo de Maria Inês, a escola abriu na data oficial, para receber os já conhecidos e pequenos rostos matreiros, e para acolher novos e curtos passos, ainda hesitantes. Por isso tem escancaradas as janelas que dão para o terreiro. Abriu-as aos risos e tropelias dos mais velhos, e ao sol manso, oblíquo, de que todos eles gostam, sobretudo quando chega a hora do recreio no recinto de terra batida. Escassos minutos para tanta vontade de correr.

Eles ainda não sabem que Maria Inês, a antiga professora, aquela que, aqui ocupou o seu posto durante cerca de quarenta

Maria do Pilar Figueiredo

anos, aquela que ensinou os seus pais e até os avós de alguns deles, não voltará a colocar-se detrás da secretária. Sabem apenas que ela foi para longe, muito doente. E que tal como no ano findo, é uma jovem professora que veio tomar conta do lugar. Aliás, desde que ela adoeceu, tem sido sempre assim: Cada ano, um rosto novo que nada tem a ver com esse outro rosto severo que os amedrontava. Esse que, pela última vez, olhou como quem se despede, o moderno edifício, fechou atrás de si a porta da escola e se ausentou, mais do que uma vez, de Santiago e por fim, desapareceu da freguesia.

O lugar tem sido, portanto ocupado por professorinhas gentis, cheias de entusiasmo, mas cuja função se limita às quatro paredes da sala de aula. Quase nada sabem da vida familiar destes pequenos alunos. Apenas fazem, quando muito, uma curta avaliação do nível social em que eles têm crescido, porque agora a população de Santiago d'Este já não é constituída, sobretudo, por gente ligada ao cultivo das terras. Estas mesmas que, num inquérito do Sec. XVIII, se dizia serem boas terras férteis, muito produtivas.

Mas se os mais pequenossó conheceram Maria Inês de longe, os outros, os que estão prestes a terminar a Instrução Primária, ou seja o Ensino Básico, como se diz agora, começam a esquecer, no rosto fresco e no sorriso brando das novas professoras, o rosto envelhecido da outra: “a Senhora”, essa que, pela primeira vez viu a luz do dia numa das maiores casas da freguesia, e dessa casa, por fim, se tornou única proprietária. Casa que, ultimamente sempre fechada, mais não tem sido que abrigo de sombras e poeira repousada. Aranhas tecedeiras. Silêncio.

\*

Hoje, porém, a Casa acordou. Entreabriram-se algumas janelas e o silêncio foi interrompido pelos passos afadigados das duas mulheres, caseiras da quinta que, embora exteriormente tão diferentes entre si, parecem irmanadas na missão que as move: preparar a sala de visitas para receber, com toda a dignidade possível, a

última dona da Casa, Maria Inês, aí nascida largos anos antes, de Paulina, essa sua meio-irmã (irmã uterina) que esperam ver chegar se um momentop para o outro.

É Marianinha, irmã do Padre, quem na qualidade de fiel depositária, insiste em que esta tome conta de uma pequena parte do espólio de Maria Inês: Um molho de chaves e um envelope com documentos: “ Que foi assim que a Inesinha lhe deixou dito e era assim que ela tinha de cumprir...”

Sem dúvida que um novo ciclo vai surgir

Paulina olha, confusa, os objectos que a outra, perante o testemunho das caseiras, lhe faz entrega. Olha-os atónita como se não compreendesse a sua utilidade. Tenta devolvê-los mas esbarra agora com o olhar interrogador das outras mulheres: Elas sabem que a recém-chegada é a parente mais próxima da “falecida” e por isso não entendem aquela recusa.

– Não seria melhor, deitarmos mãos ao trabalho? – sugere timidamente a mais velha do grupo, como se assim quisesse pôr termo àquela situação. Olha para Marianinha que logo concorda:

– É melhor, é... “Eles” não tardam a chegar e está tudo por arrumar... – Volta-se para a recém-chegada como a tentar explicar o desleixo em que a casa se encontra:

– Eu ainda cá vim algumas vezes com a Se Maria, mas pouco mais fizemos do que abrir as janelas. E, já se sabe, a casa mesmo fechada, junta pó... E a sala de visitas, pelo menos, tem de estar preparada...

Fita-a uma vez mais, e recomenda, apontando para o envelope:

– Guarda isto da tua mão! Que não se perca por aí...

– Não se vai perder! – promete com voz resignada.

Mas a outra parece não confiar inteiramente e fica à espera que ela guarde o envelope numa das gavetas do guarda louça, como se ela fosse ainda, a garota de outros tempos supostamente estouvada.

– Agora, não te incomodes. Senta-te aí na varanda a descansar...

– carinhosamente, trata-a por tu, como se falasse para a adolescente de outros tempos. – Nós as três pomos isto tudo em condições, não tarda nada.

Paulina esboça um meio sorriso de agradecimento e, a medo, dirige-se para a varanda onde portas e janelas estão já escancaradas ao sol, e ali se deixa ficar de costas para a paisagem. Como que ausente daquele cenário, vê as três mulheres moverem-se em silêncio, passos abafados, leves, como se tomadas do receio de que a casa até aí adormecida, acorde estremunhada e se perturbe.

É Marianinha quem toma a iniciativa dos trabalhos a executar, perante o acordo tácito das outras, e por isso lhe está agradecida. Sem que o possa explicar, sente-se excessivamente cansada para interferir nesses preparativos, e por isso se deixa ficar imóvel, no mesmo lugar, como se esperasse algo que não saberá dizer.

Olha as chaves que ainda segura na mão semi-fechada: “As chaves! Pela primeira vez, as chaves da casa, na sua mão! Esta casa onde as vozes se calaram e os gestos se desvaneceram tal como o som dos passos, dos muitos passos, milhões de passos que a percorreram desde sempre. Mas de todos os que ali nasceram ou simplesmente ali habitaram, restam apenas, ela e seu irmão Frederico, o mais novo dos irmãos, agora a missionar em África. Há anos que deixou de ali vir...”

Tem um pequeno sobressalto quando a voz da caseira lhe interrompe os pensamentos:

– Podia vir ver a sala... Se está tudo como deve ser...

Segue-a quase automaticamente, e detém-se no limiar da sala olhando o pequeno altar improvisado onde, sobre a toalha de linho que ela reconhece, descobre um Cristo antigo, esculpido em marfim, que a mãe costumava guardar num oratório de mogno. Deixa que o olhar examine o trabalho feito e faz um sinal de aprovação.

– A mim também me parece que estará tudo pronto, para quando “eles chegarem com a Senhora, coitadinha”, – explica

a caseira. – A minha nora mais D. Marianinha foram por umas flores... Mais uns vasos de begónias... Para compor melhor a sala...

Sente que a caseira desejaria saber de si e do “Senhor Padre Missionário”, mas as circunstâncias impedem-na de satisfazer a curiosidade. Olha-a, desejosa de entabular conversa, mas Paulina limita-se a concordar com as explicações que a outra lhe dá.

Ela mal a conhece. Sabe apenas que, há muitos anos já, deixou a casa para ir viver “lá para o Porto.” Sabe que é irmã da “Senhora” e que a última vez que a viu ali, foi há largos anos, pouco tempo depois de a mãe de ambas ter morrido, cumpridas que tinham de ser, formalidades relacionadas com a posse daquela casa que, tal como se esperava, cedo passou para o nome de Maria Inês.

\*

Sem dúvida que um novo ciclo vai surgir e, possivelmente, alterar a vida antiga desta casa cujo futuro proprietário é uma incógnita, porque nada se sabe ainda, quanto às derradeiras vontades da sua última dona.

Paulina, essa, sabe apenas que desde que o telefone retiniu a anunciar a morte de sua irmã, lá na clínica de Coimbra, não mais teve um minuto para si própria. É a parente mais próxima e a mais disponível, já que o irmão de ambas, ausente em longes terras, nada poderá ajudar. Ela não pôde, portanto, escusar-se a cumprir toda uma série de formalidades e tarefas circunstanciais, após o que tomou o rumo de Santiago.

Quando, porém, o comboio, um comboio diferente, moderno e rápido, a deixou no mesmo sítio onde, largos anos antes, pela última vez a recolhera, reconheceu, possuída de uma angústia inexplicável, que muita coisa mudara na sua ausência.

“Eis o progresso” pensou, vendo descer com alguma cautela os mais de trinta degraus, em direcção à passagem subterrânea,

cujo pavimento revestido de brilhante tijoleira, estava de acordo com os degraus. “Pseudo progresso”, considerou, “porque dificultava a vida, sobretudo aos que já não eram jovens” pensou ainda, levando a reboque o seu *saco-troller* cujas rodas, se revelavam inúteis na penosa descida das escadas. Um trajecto mais penoso ainda quando, após a descida, se viu obrigada a subir outros tantos degraus para atingir de novo, a superfície exterior.

Já no cimo das escadas, imobilizou-se por segundos, tentando descansar após a dura subida. E só então percebeu, quase estupefacta que, como consequência da modernização da linha férrea e do modo como ela se tinha processado, a aldeia fora irremediavelmente dividida em duas. Mutilada. Tendo como consequência a alteração do dia a dia da comunidade.

Na verdade, vizinhos a quem a linha férrea nunca impedira de se aproximarem sem perigo, porque o comboio, pesado, se fazia anunciar de longe, estavam agora irremediavelmente separados. Mais do que isso, porque estavam inacessíveis aos olhares uns dos outros, visto no cimo dos taludes, terem sido colocadas opacas barreiras acústicas para que o ruído do comboio não os perturbasse. Um cuidado desnecessário, porque o ruído de agora mais não era que simples zumbido se comparado com o estrondear das velhas locomotivas movidas a carvão, esse ruído com o qual desde sempre conviveram sem que isso os prejudicasse.

Prejudicados estavam, isso sim, agora que se viam obrigados a tomar caminhos enviesados, a descer dezenas de degraus que os levavam até à passagem subterrânea e, de seguida, subir penosamente outros tantos, no total mais de setenta, se acaso precisavam de se encontrar com familiares ou amigos. Mas se os habitantes, de um modo geral, sofriam com esta situação, os do lado sul da linha férrea eram os mais penalizados, porque ficaram separados da igreja, da escola, das mercearias e até da sede da Junta de Freguesia. Entalados entre a linha e o rio, estavam como que limitados. Encurralados.

“Claro que há o recurso ao automóvel”, considerou. “Mas nem